

TÂNIA ALEXANDRE MARTINELLI

Ilustrações: Mariângela Haddad



RIO VIVO, RIO MORTO



1ª edição

 **Atual**
Editora

*Para Maria de Lourdes Denadai Martinelli e
ao grupo da expedição ao rio: Josemar, Cidinha,
Tiago, Mayara, Joelma, Denival, Letícia, Jocimar
e Giovana.*



COISAS PERDIDAS

É engraçado como tem hora que a gente mexe numas coisas sem querer e acaba encontrando outras.

Bom, vocês podem estar se perguntando como é que alguém mexe numa coisa sem querer mexer. Mas o que eu quero dizer é que às vezes a gente está procurando uma coisa e sem querer encontra outra.

Foi o que aconteceu comigo. Eu tinha ganhado um jogo superlegal fazia algumas semanas. E vivia com ele pra lá e pra cá. Tinha dias em que jogava em casa; em outros, na casa das minhas amigas. Várias vezes esqueci na casa de alguém e depois levaram pra mim, na escola. Aí, eu chegava em casa e colocava em algum canto qualquer.

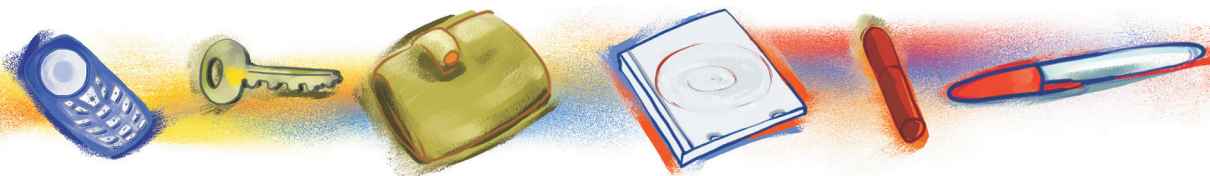
Minha mãe é dessas mães superorganizadas. Sabe do tipo “nada fora do lugar”? Eu não sou assim, não. E ela vive perguntando, não só pra mim, mas pra qualquer um que aparece, quem é que eu puxei (de vez em quando ela fica bem brava e sai fazendo essas perguntas indiscretas).

Bem, o caso é que eu não estava encontrando o meu jogo. Já tinha perguntado pra todo mundo:

— Mãe, você viu meu jogo?

— Não.

Aí, ela resolveu emendar com uma bronca:



— Já perdeu seu jogo novo, Beatriz?

— Claro que não, mãe! Eu só não me lembro onde é que eu guardei...

— Guardei? E desde quando você guarda alguma coisa? Você deixa é tudo jogado pra cá e pra lá! Agora é isso. Perdeu o jogo.

Fiquei brava.

— Eu não perdi, mãe!

Saí do lado dela e fui perguntar pro meu pai:

— Pai, você viu meu jogo?

— Que jogo?

Como conviver com uma mãe organizada e um pai distraído?

— O meu jogo, pai — falei com muita, muita paciência.

— Aquele que você comprou pra mim.

Meu pai fazia a mesma cara de quem não tinha a mínima ideia do que eu estava falando. Tentei dar uma mãozinha:

— Aquele da luta intergaláctica. Não tá lembrado, não?

Ele fechou o jornal que estava lendo, colocou-o em cima do sofá e fez uma cara séria, preocupada.

— Escuta, minha filha. Você anda brincando com essas coisas de luta?

— Ah, pai! Esquece.

Tinha uma última pessoa na casa pra quem perguntar. O pior foi que eu esqueci de bater na porta e, antes de falar qualquer coisa, já levei uma bela bronca:

— Quem é que mandou você entrar no meu quarto sem bater?

A minha irmã mais velha, de quatorze anos, estava deitada na cama com o fone de ouvido, escrevendo na agenda.

Nem dei bola para a bronca. Fui logo ao que me interessava:

— Dani, você pegou o meu jogo?

Ela tirou um dos fones com o maior pouco-caso. E falou, com outro grande pouco-caso:

— Que jogo?

— Aquele das lutas intergalácticas! O último que o papai comprou.

A Daniela fez uma cara de enjoada.

— E pra que é que eu ia querer pegar o seu jogo? Coisa de criança, menina! Se liga, ô!

Criança? Ela é que pensa! Um jogo superlegal; a gente tem de conquistar o outro planeta. Pensa que é fácil? Superdifícil! Aposto que se eu já não tivesse feito dez anos eu não ia conseguir, não! Criança coisa nenhuma!

Mas, pra que é que eu ia discutir com a Daniela? Eu precisava era encontrar com urgência o meu jogo porque eu tinha prometido para a professora de Computação da escola que eu ia levar pra ela ver. Ela me disse que colocaria em rede para a classe toda brincar qualquer dia desses.

Ai, meu Deus! Onde é que foi parar o meu jogo?

